

A HISTÓRIA DO CRISTIANISMO E A INTOLERÂNCIA DENOMINACIONAL

SILVA, Itamar Marques da¹

RU do aluno: 1189758

AMARAL, Maria do Carmo²

RESUMO

O cristianismo se desenvolveu dogmaticamente a partir do teólogo judeu Paulo, eclodindo em uma das maiores religiões mundiais. Após o período apostólico a organização cresceu sobre os pilares da doutrina apostólica, onde enfrentou desde as perseguições do Império Romano até exercer a hegemonia sobre o mesmo. A igreja cristã cometeu diversas atrocidades a partir de sua união ao Estado, causando marcas irreversíveis na história. Suas divisões nas propostas de reformas se deram em uma busca sedenta por poder, para isso, a igreja não mediu esforços e nem consequências. Diante de tal aspecto, a sociedade cristã atual se mantém dividida, carregada por estereótipos e preconceitos religiosos. Reunir o cristianismo em uma perspectiva histórica, a fim de promover o ecumenismo bem como o diálogo inter-religioso, é função que compete aos professores de História e Ensino Religioso. A relação entre educação e religião cristã no Brasil é muito importante, pois ela leva ao entendimento do processo de aculturação, processo que a igreja católica passou no Brasil. A busca por um ecumenismo se dá a partir do momento em que a hegemonia está distante da igreja, nesta semântica ocorreu o primeiro culto ecumênico no Brasil, numa tentativa de fracassar com o governo militar, originando a teologia da libertação, com bases hermenêuticas socialistas.

Palavras-chave: História do cristianismo. Ecumenismo. Cisões no cristianismo. Cristianismo na educação.

1 INTRODUÇÃO

A primeira divisão da igreja se deu cerca de 500 anos antes do doutor Martinho Lutero pregar suas 95 propostas de mudanças na porta do castelo de Wittenberg na Alemanha, pois em 1054 a igreja romana sofreu sua primeira ruptura com a igreja ortodoxa no conhecido: “Cisma do Oriente”. O evento se deu a partir de discussões em torno das normas cristãs, o qual resultou em uma *excomunicação*³ mútua dos dois principais líderes das igrejas.

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. __ 2- 2017__.

² Professora instrutora nas observações à serem feitas no texto, do Centro Universitário Internacional UNINTER.

³ Ato que proíbe a participação no rito da comunhão, consequentemente um desligamento da igreja.

A divisão cristã tornou-se visível a partir de guerras teocráticas⁴, entre elas se deram: O Massacre dos Latinos ocorrido em 1182, seguido da retaliação do Ocidente com o Saque de Tessalônica em 1185, o cerco e saque de Constantinopla que se deu em 1204 no advento da Quarta Cruzada, além da imposição dos patriarcas latinos pelo Império Romano durando 55 anos, dificultando a reconciliação entre cristãos.

A partir do século XX buscou-se uma reaproximação ecumênica⁵, porém nenhuma das denominações cristãs esboçava alteridade e total respeito ao diferente. Somente em 2016, já no século XXI, houve um diálogo de caráter ecumênico entre o líder da igreja romana e um dos líderes da igreja ortodoxa, diálogo iniciado em um evento realizado em Cuba. É notável que a igreja romana anteriormente a esse encontro já apresentava propostas de ecumenismo no qual incluía inclusive os protestantes de segmentos históricos, pentecostais e neopentecostais. Exemplo dessa busca por um diálogo Inter religioso se encontra no Decreto *Unitatis Redintegratio*, de 1964.

As palavras de Paulo VI no referido decreto partem de uma busca por uma relação pacífica, propondo o rompimento com os preconceitos, priorizando um resgate histórico, no qual a continuidade da tradição apostólica é tão importante.

O atual Papa Francisco, até a data desta presente pesquisa, mantém uma relação ecumênica com o “patriarca Ortodoxo”, formando um elo de respeito às divergências e à união em torno de Cristo. Essa relação revela na prática a frase na qual um africano chamado Agostinho, um dos “pais do cristianismo”, dizia: “ Na essência (Cristo) somos iguais, nas diferenças (Ritos) nos respeitamos.” Esse respeito já havia acontecido com as cinco comunidades que integravam o Karai⁶, pois utilizavam os mesmos livros, porém com métodos diferentes de interpretação, ou seja, hermenêuticas diferentes. A questão da interpretação sempre foi algo problemático no cristianismo, uma vez que este foi o fator primordial da cisão entre igreja romana e igreja ortodoxa.

No Brasil, o primeiro ato de um presidente ao celebrar um culto ecumênico em seu gabinete, mostra uma preocupação em torno do rompimento com os preconceitos

⁴ Religião aliada ao sistema político estatal, no cristianismo a união entre igreja e estado se deu a partir do Império Romano sob a regência do Imperador Constantino. (Guerras teocráticas, uma disputa de religiões ou denominação a fim de definir quem ficaria unido ao poder do estado)

⁵ Busca pela aproximação entre as religiões respeitando as interpretações de Deus.

⁶ Karai é um termo teológico utilizado para referir-se as cinco comunidades cristãs, Alexandria, Constantinopla, Jerusalém, Capadócia e Roma, as quais se respeitavam e se aceitavam mantendo um relacionamento de paz e alteridade, porém cada qual tinha sua interpretação dos ritos cristãos.

religiosos. Michel Temer, presidente brasileiro, promoveu um evento que foi além de reunir igrejas históricas, quando ao assumir a presidência, reuniu pentecostais, como: Silas Malafaia, Marco Feliciano e líderes católicos. De acordo com a revista Veja, Temer entrou na sala de reuniões do gabinete presidencial acompanhado de autoridades eclesiásticas católicas como, Dom Edgar Madi, arcebispo da Igreja Maronita, e de Dom Damaskinos Mansour, arcebispo metropolitano da Igreja Ortodoxa Antioquina.

Vencer o preconceito religioso é algo que está diretamente ligado à educação, uma missão que compete principalmente aos professores de História e Ensino Religioso. Por meio de uma perspectiva histórica, é possível re-unir os cristãos novamente, respeitando as particularidades e as diferenças. Nesta semântica a alteridade cristã é algo de suma importância para o bem da sociedade.

Os objetivos gerais deste trabalho se pautaram em apontar a influência do cristianismo com o Estado, apresentando em uma narrativa histórica como essa relação afetou a mística religiosa, promovendo violência, estereótipos e preconceitos, em nome de um Cristo que só semeou o amor.

Já os objetivos específicos desta pesquisa se detiveram em analisar os momentos divisores dentro do cristianismo, além de visar romper com a intolerância *Inter denominacional*⁷ dentro do cristianismo; classificar as divisões *denominacionais* dentro do cristianismo a fim de entender e criar elos entre católicos e evangélicos, *evangélicos e outros evangélicos*; criar um senso de compreensão com as demais religiões a fim de romper com o preconceito religioso; apresentar um caminho de possibilidades para que o professor possa auxiliar seus alunos a compreenderem e aceitarem as divisões de maneira pacífica no âmbito religioso.

A observação é importante e se faz necessária, uma vez que ao observar a realidade, o tema abordado neste trabalho está presente na atualidade. Optado nesse trabalho uma forma que o mesmo não fique tendencioso⁸, a pesquisa de campo foi deixada de lado e se fez necessário uma análise crítica bibliográfica dos mais variados documentos históricos e religiosos, a fim de melhor entender os fatos que se refletem na atualidade como preconceitos.

⁷ Intolerância inter denominacional se refere a igrejas que compõe a mesma religião, porém não se respeitam, ex: igrejas neopentecostais para com igrejas tradicionais e católicos.

⁸ Tendencioso no sentido confessional, expor uma religião ou denominação em detrimento da outra, o trabalho busca apenas apresentar fatos, a fim de promover um ecumenismo histórico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cristianismo como religião aceita pelo Estado e sociedade, surgiu no ano de 313 após a suposta⁹ conversão do imperador romano Constantino. Antes os cristãos eram apenas um grupo que seguia uma seita judaica chamada “O Caminho”, tal fato é confirmado nas palavras do sábio teólogo Paulo, que quando interrogado sobre sua religiosidade segundo Lucas, alegava:

“Reconheço na tua presença que, segundo a doutrina que eles chamam de sectária, sirvo a Deus de nossos pais, crendo em todas as coisas que estão escritas na lei e nos profetas”. (Atos dos Apóstolos 24,14-15)

Durante um período de trezentos anos após a morte de Cristo, o cristianismo era algo que não incomodava nenhum dos demais segmentos religiosos da época, porém ao final desses trezentos anos quase a metade do Império Romano tinha se convertido e era cristã, fato que forçou a conversão de Constantino e o pressionou em relação à liberdade de culto cristão. Nas palavras de Vicentino (1994 p 43)

“Constantino através do Edito de Milão, concedeu liberdade de culto aos cristãos, já impostos em número e influência”.

Para entender o cristianismo se faz necessário conhecer o Judaísmo, uma vez que a religião cristã não tem sua origem no nascimento de Jesus, mas sim em sua morte no ano 33, ou ano 4034 do calendário hebraico. É na cruz que se cumpre as profecias do profeta judeu, Isaías, o qual profetizou sobre um messias, homem prometido para resgatar e salvar Israel. Algo que o judaísmo não aceitou em Jesus, muito menos reconheceu-lhe como o Deus encarnado. Com essa recusa por parte dos judeus surgiu a nova religião, o cristianismo.

Voltando ao Império Romano, o cristianismo teve mais um avanço, pois além de Constantino ter se convertido, o Estado estava por meio dele se unindo com a igreja cristã, fato esse oficializado quando Diocleciano assumiu o império no lugar de Constantino, e constitui o cristianismo como religião oficial do Império Romano.

⁹ O historiador Eusébio destaca que quase metade do Império Romano fazia parte da religião, a conversão de Constantino é posta em cheque pois ele usou os cristãos para vencer uma guerra para ele, além de buscar um apoio maior da sociedade, outrossim, batismo se deu apenas em seu leito de morte - ele apenas enxergou na crescente religião um instrumento para unir um Império que já dava sinais de desgaste.

As divisões em torno do mesmo Deus remetem-se ao judaísmo, o qual optou em manter as tradições e não aceitar o cristianismo. Uma segunda divisão bastante forte em torno do mesmo Deus, se deu no ano de 600 na cidade de Meca, quando surgiu o profeta Maomé apregoando o Islã, movimento religioso o qual aceitou Jesus como um profeta, mas negando sua morte e ressurreição, além de não concordar que Jesus era a encarnação de Deus. Por meio dessa ideologia religiosa surgiu uma grande batalha entre cristãos e muçulmanos conhecida como, as cruzadas. De um lado o cristianismo com os seus cavaleiros templários, de outro lado o Islã com seus viajantes muçulmanos, ambos em busca de algo incomum, “o sagrado”¹⁰ em Jerusalém.

A igreja cristã ao se unir ao estado começou a se corromper, sempre em buscas de riquezas, fazendo várias manipulações em seus membros, criando uma única interpretação bíblica em prol de seus próprios interesses. Tal fato é visível no feudalismo.

Por outro lado, muitos padres acreditavam em um retorno ao cristianismo inicial, por conta disso tentaram fazer reformas na igreja, tentativas que causaram conflitos internos na religião cristã. Dentre os homens com interesse em uma reforma cristã, é interessante citar Wycliffe, um religioso inglês que fez a primeira transliteração da bíblia vulgata¹¹ para o inglês; outro nome relevante nesta busca por uma reforma é o personagem de Jan Hus, que tentou de fato fazer a primeira reforma mudando a doxologia¹² da igreja no ano de 1400, Jan Hus não obteve êxito, uma vez que foi condenado e morto na fogueira por ser considerado um herege¹³ pela igreja. Algo interessante foram suas últimas palavras, Hus ainda na fogueira quando as chamas eram acesas, em forma de profecia avisava que cem anos após sua morte, surgiria um homem que o alto clero não poderia matar, profecia esta que se cumpriu na pessoa do Professor da Universidade de Wittenberg, Doutor Martinho Lutero em 1517, o qual obteve um certo êxito em uma reforma, mesmo que tenha dividido a igreja. Nas palavras de Méchet (2015 p. 63)

¹⁰ Tendo por princípio que, o Judaísmo, Islamismo e Cristianismo são religiões Abraâmicas, nascidas da transcendência almejada no deserto, Jerusalém é um lugar em comum para as três religiões, a busca por provas de seus ritos é evidente nas cruzadas.

¹¹ Bíblia em língua latina, traduzida dos originais por Jerônimo no século IV

¹² Conjunto de normas estabelecidas como corretas pela igreja, compreendendo rituais e símbolos, Hus já questionava doutrinas sobre purgatório e venda de aparatos (indulgências) para salvação.

¹³ Aquele que pregava uma doutrina contraditória à doutrina católica.

“Em 1517, Martinho Lutero iniciou a Reforma protestante, e o sacro império viu-se em um processo de fragmentação que resultou na já mencionada Guerra dos Trinta Anos”.

É notável conforme a citação acima a presença de um grande conflito interno na religião cristã causado pela reforma liderada por Lutero. O sistema político começou a mudar, a igreja romana começou a enfraquecer, uma crise estava se iniciando e o pior ainda estava por vir com a figura do rei Henrique VIII da Inglaterra rompendo com a igreja porque queria se divorciar a fim de se casar novamente, ato proibido pela igreja romana, assim surgiu uma nova igreja, a igreja Anglicana; outro problema que a igreja romana enfrentou foi com o francês João Calvino, que baseado na liberdade de interpretação proposta por Lutero, criou uma nova igreja protestante na Suíça, outrossim Calvino se tornou um grande nome da política na Suíça, tornando a cidade de Genebra em uma teocracia calvinista, expulsando e perseguindo católicos.

Dentro dessas novas igrejas: Anglicana, Calvinista e Luterana, surgiram outras ramificações, como: o puritanismo, os Morávios, metodistas e outros, os quais começaram a crescer. Consequentemente houve mudanças na cultura, política e educação, a reforma protestante propôs uma nova educação, principalmente por meio dos Moravianos, movimento ao qual pertencia Jan Comenius, quem criou uma nova metodologia de ensino, capaz de um único professor ministrar o conhecimento simultaneamente a vários alunos, essa metodologia foi chamada por Comenius de Didática Magna. Como relata Urbanetz (2008 p. 90)

“Com a Didática Magna, Comenius aponta para a possibilidade de “ensinar tudo a todos”, defendendo a possibilidade do que a didática seja”.

Se, por um lado, surgiram inovações na educação por parte dos protestantes, de outro lado a igreja romana criou um movimento de contrarreforma, movimento esse que na Espanha formou vários padres em professores da Companhia de Jesus¹⁴, padres conhecidos principalmente no Brasil como, os Jesuítas. A Companhia de Jesus enviou ao Brasil vários padres, a fim de impedir a chegada de protestantes a colônia portuguesa, também visava educar os escravos sobre uma nova cultura, a cultura cristã, parecida com o modelo já aplicado pela igreja romana na Europa no período do feudalismo, vários sermões tinham o objetivo de que os escravos fossem

¹⁴ Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1540 para combater os protestantes, e reconverter à fé católica os fiéis que estavam se convertendo a proposta de fé dos protestantes.

sempre subalternos a seus senhores e à igreja. Os Jesuítas trouxeram esses ideais ao Brasil em forma de uma metodologia de ensino chamada *Ratio Studiorum*, um modelo de currículo educacional que trazia a abordagem tradicional de ensino. Por meio da obediência, o aluno era o receptor passivo do conhecimento. Gonçalves (2013 p.23) aborda o método da seguinte forma,

Na história da educação, no Brasil, é comum ouvirmos referências à abordagem ou pedagogia tradicional, relacionadas em sua origem aos jesuítas e à sua ação educativa no país. Observe o trecho a seguir do *Ratio Studiorum* – o manual pedagógico dos jesuítas, escrito no século XVI e utilizado no Brasil Colônia.

Conforme a citação acima, a professora Gonçalves traz em seu livro uma tradução do *Ratio Studiorum* onde ela dá ênfase a esse tradicionalismo, cercado de preceitos religiosos de obediência, onde a criticidade é algo totalmente desprezível. O interessante é que ainda há resquício desse método de educação em boa parte da educação brasileira.

O cristianismo relacionado com a educação teve grandes mudanças no Brasil. Desde a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal na reforma Pombalina, até o surgimento das escolas ecumênicas protestantes, muitas mudanças o cristianismo sofreu.

Após esta prévia, se torna mais fácil emergir na história do cristianismo desde suas origens no Império Romano.

3 O SURGIMENTO DO CRISTIANISMO NO IMPÉRIO ROMANO

Certamente, uma das maiores heranças que o Império Romano deixou na história foi o estabelecimento do cristianismo, sendo este, uma das maiores e importantes religiões do mundo.

Para os seguidores do cristianismo, a referência da fé é pautada na crucificação de Jesus; já para os romanos, tal evento não tem tanta relevância, uma vez que, as crucificações se tornaram algo comum no império, levando muitas pessoas a morrerem como Cristo. De acordo com Walker, (2009 apud HILL, 2009, p.21),

E, se é assim, a morte de Jesus assume um novo significado como o momento em que Deus se entregou para nos encontrar no ponto de nossa mais profunda necessidade, como o lugar onde o divino julgamento foi removido e a porta foi aberta à misericórdia e perdão divinos.

No império de Caio Aurélio Valério Diócles Diocleciano, em 284, as religiões pagãs dominavam o império. O imperador tinha o costume de consultar seus oráculos, os quais passaram a culpar os cristãos pelas desgraças e ruínas que o império enfrentava; nesta semântica, Diocleciano torna pública uma série de decretos, entre eles: o cristianismo tem que acabar.

Ao término do século III, o Império Romano se recuperava de uma série de guerras, somadas às crises e às instabilidades políticas e econômicas. O imperador Diocleciano e a maioria de seus súditos, acreditavam que seus projetos estavam nas mãos dos deuses pagãos.

Nos tempos de Roma o sacrifício de sangue era a maneira tradicional de se ganhar um favor dos deuses. Com Roma enfraquecida, Diocleciano necessitava da boa vontade dos deuses. Dentro da sociedade romana, a maioria das religiões e os diversos cultos eram tolerados, porém, o que os romanos tinham certeza era que: sempre precisavam fazer um sacrifício pelo império e pelo imperador, toda vez que solicitados.

Diocleciano se via em uma situação instável, uma vez que: havia muitas coisas em jogo, pois para continuar como imperador romano, se fazia necessário manter os “deuses felizes”, assim a continuidade dos cultos aos deuses era algo de suma importância, já que garantia a ordem no império. Porém, para os cristãos, tal sacrifício aos deuses pagãos, nada adiantava, pois, para estes cristãos, o sacrifício de Jesus foi o maior sacrifício possível e de caráter eterno.

Nesta semântica, os cristãos passaram a ser os seres mais mal vistos pelas autoridades romanas, já que, a atitude dos cristãos era recebida como uma afronta direta ao imperador. Assim o cristianismo se tornou um inimigo interno no império.

Diocleciano iniciou um período de perseguição aos cristãos; mais conhecido pelos historiadores cristãos como: “A grande perseguição”. Segundo o historiador cristão, Eusébio da cidade de Cesaréia, tal perseguição teria sido a mais cruel até aquele momento.

Eusébio descreveu eventos terríveis, dentre eles: igrejas destruídas, escrituras queimadas, missas banidas, cristãos perdendo suas posses, outros sendo obrigados

a trabalhos em condições subalternas. “Eles são cegados por ferros, mortos por machados e queimados em espetos.”

Eusébio também descreveu como em 308, os mercadores do leste do império regavam seus bens com sangue de ofertas pagãs, expondo os cristãos que não compravam, além de haver isenções de taxas às cidades que mais promovessem perseguição aos cristãos.

Nesta semântica, alguns cristãos fugiram para as colinas e para os desertos; lugares onde construíram os seus primeiros monastérios, exemplo do construído nas proximidades do mar Saba no deserto da Judéia, sendo a fonte material mais preservada desse período. Assim surgiram os primeiros monges como revelam os papiros do Egito, falando sobre os monachos, ou monges. Pessoas como Santo Antônio, já no início do século IV, foram ao deserto do Egito para viver uma vida piedosa e solitária.

A vida de Antônio serviu de enorme inspiração para muitos: ninguém mais, senão Atanásio, escreveu sua biografia, que foi lida em larga escala. [...] Não foi surpresa que outros desejassem partir e concentrar-se somente em Deus. Milhares em todo o império, imitaram Antônio, seguindo para o deserto. (HILL, 2009, p.87.)

Antônio é um dos mais famosos pais do deserto, conhecido por ser um fundador do monacato¹⁵, embora não haja uma evidencia concreta quanto à decisão de Antônio, talvez esta tenha se dado pela perseguição romana, pensa-se que esse exemplo, inspirou todos os cristãos perseguidos a procurar consolo e refúgio na remota vida monástica, durante e depois da “grande perseguição”.

Alguns detalhes de como os monges viviam em seu dia a dia, transformaram-se drasticamente ao longo dos séculos, porém o princípio de isolar-se para encontrar a paz interior, ainda é notável nos monastérios.

Algumas das represálias de Diocleciano não alcançaram êxito, uma vez que, Diocleciano dividiu o império em quatro partes, ou seja, em quatro distritos, cada um sobre os comandos de um governante. Tal divisão foi chamada por Diocleciano de, “Tetrarquia”. Nas palavras de VICENTINO (1994, p.43),

Diocleciano (284 – 305) na tentativa de salvar o Império da falência, baixou o Edito Máximo, fixando preços máximos para mercadorias e salários, sendo

¹⁵ Ato de isolar-se em uma casa isolada a fim de buscar a paz interior e dedicar a vida à religião, as pessoas que optam por esse ato, são os chamados monges, os quais foram os principais copistas da bíblia.

infratores condenados à pena de morte. A medida não surtiu efeito, pois as mercadorias desapareceram enquanto os preços continuaram a subir descontroladamente. Outra decisão importante de Diocleciano foi a criação da tetrarquia, divisão do Império entre quatro generais buscando conseguir a paz social e o controle político perdido.

Essa divisão do império, somada à crise é fundamental para o cristianismo, uma vez que: cada governante tem uma administração própria com atitudes diferentes em relação à perseguição cristã. A partir disso, a perseguição aos cristãos se dá conforme a crise, por exemplo: em 311 a fome no leste do império implicou em uma perseguição mais ávida, já que, se entendia que os eventos foram causados devido as “tristezas dos deuses”; para recompensá-los, era necessário conduzir uma perseguição mais acirrada aos cristãos.

Neste contexto, muitos cristãos perderam a vida. Eusébio narrou que houve uma mortandade gigantesca de cristãos no Império Romano, atribuindo a responsabilidade de tal aos romanos, porém alguns historiadores acreditam que, parte dessas mortes narradas por Eusébio foram provocadas por motivos não relacionados diretamente à religião, mas sim às instabilidades políticas, e às revoltas populares, não caracterizando de fato, um motivo religioso.

Os planos de Diocleciano em banir o cristianismo não obtiveram um êxito pleno, porém, isso não significa que, suas tentativas para com os cristãos, acabaram. Por outro lado, a perseguição aos cristãos fez com que o cristianismo evoluísse de forma gigantesca, uma vez que cada cristão morto pelo império, se tornava um exemplo de mártir. Nas palavras de HILL (2009, p.56),

Por volta da metade do século II d.C., tornou-se bastante comum celebrar-se e dia da morte dos mártires. Os locais onde haviam perecido eram venerados, como também suas relíquias. Os relatos de suas mortes foram escritos e se provaram grande fonte de inspiração.

Neste cenário de perseguições e persistência na fé, emergiram as mais diversas comunidades cristãs, as quais se inspiravam em um mártir, vivendo suas próprias Hermenêuticas, mas, se respeitando e tratando as diversas formas de interpretação com alteridade, ou seja, todas elas mantinham entre si uma forma de relação ecumênica.

No ano 312, Constantino assumiu o poder, se tornando o venerável imperador do Império Romano ocidental. Ele foi destinado pelo cristianismo a alcançar essa posição junto com os apóstolos, Paulo e Pedro, e também, os mártires da igreja cristã.

Constantino em sua sede de poder, necessitava retirar Magêncio de seu caminho. A guerra foi plantada. Como pagão, Magêncio clamou por todos os deuses, a fim de que pudesse levar vantagens sobre seu rival na luta. Enquanto isso, Constantino procurou por um Deus dentro do império para protegê-lo. Os historiadores da igreja, afirmam que antes de iniciar a batalha, algo sobrenatural ocorreu na vida de Constantino, pois, por meio de um sonho, ele viu uma cruz em chamas com o sol resplandecendo por detrás da mesma; além da cruz e o brilho do sol, Constantino viu, uma faixa na qual tinha uma frase com as seguintes palavras: “Sob este sinal vencerás” (*Εν Τούτῳ Νίκα*).

A partir da visão, Constantino supostamente se converteu ao cristianismo, passando a estampar o sinal visto por ele nos escudos de seu exército; bem na verdade o que ele estampou foram as iniciais de Cristo em grego utilizando as letras “ksi e rho”, uma vez que, tal feito foi uma maneira de impressionar os cristãos e fazer com que esses deixassem de ser os inimigos do estado, alistando-os a fazer parte de seu exército. Constantino se tornou o único imperador cristão em meio a um império pagão.

Constantino conhecia a resistência e a persistência que os cristãos tinham, assim ele utilizou deste exército sabiamente e acabou por vencer a batalha contra Magêncio em, 28 de outubro de 312. Essa luta, garantiu a vitória do cristianismo sobre o paganismo começando a mudar a relação entre a igreja e a política romana; nesta semântica, o cristianismo deixou de ser uma religião ilegal e passou a ser uma religião comum como qualquer outra existente dentro do império.

Constantino reunificou o império, se centrando no poder, o território romano passou a expandir-se cada vez mais, mesmo que este já era gigante em extensão e culturas, uma vez que as religiões ditas pagãs ainda eram presentes.

No intuito de manter-se no poder e evitar confusões religiosas, Constantino começou a executar suas ideias, passando a aculturar o cristianismo, implantando costumes dos pagãos na religião cristã.

Enquanto Constantino fazia seu trabalho de unificação do cristianismo em uma única igreja, além de incorporá-la no império; sua mãe, Helena buscava em Jerusalém lugares para se tornarem memoriais de Jesus, como o próprio sepulcro, o qual na atualidade tem acirrado debates entre, teólogos e arqueólogos sobre a autenticidade desses lugares escolhidos por Helena.

Há duas possibilidades principais para a localização do sepulcro de Jesus na antiga cidade de Jerusalém: o jardim do Sepulcro, 250 metros ao norte da porta de Damasco, e a Igreja do Santo Sepulcro, no bairro cristão. (BÍBLIA ARQUEOLÓGICA, 2013, p. 1615.)

Esses lugares escolhidos sabiamente por Helena, se tornaram pontos de turismo e peregrinações. Assim, com igrejas, monastérios e pontos turísticos, a igreja cristã começou a crescer desenfreadamente, no império de Constantino.

Mesmo Constantino unificando o cristianismo, alguns problemas começam a surgir dentro das interpretações, dentre eles está a questão de quem é Jesus. Os Ebionistas acreditavam que Jesus era só um humano, por outro lado haviam pessoas que acreditavam que ele era completamente divino, caso dos Donatistas; ainda havia pessoas que acreditavam que Jesus tinha as duas naturezas, a humana e a divina, conceito este defendido pelos Arianos.

Em meio a essa discórdia, Constantino resolveu interferir diretamente na doutrina cristã, quando convocou o concílio de Nicéia, no qual assumiu o papel de autoridade máxima da igreja, resolvendo toda a discussão em torno da doutrina da natureza de Jesus, tal doutrina foi narrada no credo de Nicéia:

Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém. Credo Niceno – 325 (apud LIVRO DE CONCÓRDIA, 2016, 7ªed, p.19)

Tal doutrina se tornou uma ortodoxia¹⁶ na igreja, uma vez que, qualquer que discordasse de tal, seria considerado um herege. A partir de tal concílio, Constantino assumiu definitivamente a igreja, investindo riquezas, a fim de restabelecer as igrejas que foram destruídas na grande perseguição¹⁷ e promover um cristianismo forte e

¹⁶ Doutrina correta, ou seja, doutrina aceita pela hegemonia da instituição.

¹⁷ Período em que o cristianismo teve seus mártires, dando embasamento às visões de João no livro de Apocalipse.

gigante. Assim os bispos da igreja se tornaram uma espécie de funcionários do imperador.

Constantino unido à igreja, passou a proibir as crucificações e os shows de gladiadores. Ele também adaptou as práticas pagãs com as datas comemorativas no cristianismo a fim de converter os pagãos e estabelecer mais força e sustentabilidade em seu império. Algumas adaptações persistem até hoje, como o natal em 25 de dezembro, o domingo como um feriado público.

Constantino se tornou um personagem semelhante ao papa, nesta semântica, excomungou bispos que discordavam das suas posições, também oferecia os mais altos cargos do império aos cristãos. Mesmo diante de grandes privilégios, o imperador não tornou o cristianismo como a única religião do império.

Após a morte de Constantino, em 361, Juliano, um sobrinho de Constantino assumiu o império com outra visão em relação ao cristianismo, pois via o cristianismo como uma doença no império, seu governo tinha a missão de erradicar tal doença. Aos 21 anos de idade, quando Juliano estudava em Éfeso, sofreu influências de “Máximos” um pagão da época, tal influência foi maior em detrimento ao cristianismo de seu tio.

Ao assumir o poder, Juliano cortou as verbas direcionadas à igreja, demitiu os cristãos do poder, proibiu os professores de utilizarem textos cristãos. Assim, ele tentou desligar a relação do Estado com a igreja.

Como vencer guerras sempre foi um símbolo da supremacia do imperador. Juliano resolveu montar um exército composto por pagãos a fim de derrotar os persas, porém “estranhamente” ainda em campanha de guerra, Juliano foi morto. Alguns ousam atribuem a morte de Juliano à igreja cristã, revelando que a instituição já exercia uma certa hegemonia.

No ano de 379, o imperador Teodósio chegou ao poder, oficializando definitivamente o cristianismo como religião oficial do império e iniciando uma perseguição declarada aos pagãos.

Assim como outrora já ocorrera divergências internas na igreja acerca da natureza de Cristo, no governo de Teodósio ocorreu o mesmo. Assim o imperador emitiu uma nota afirmando que, qualquer igreja cristã que se desvie do que foi escrito no credo niceno é considerada uma igreja herética.

Teodósio no intuito de eliminar essas discussões plantadas por “arianos”, instituiu Ambrósio, bispo de Milão com um poder maior sobre as demais igrejas. Com

o poder centrado em Ambrósio, Teodósio se sentiu tranquilizado, até que Teodósio enviou as tropas militares para Salonica na Grécia, a fim de sanar um problema de revoluções populares, e tal fato gerou um problema, pois, muitos foram mortos devido ao exagero cometido pelo imperador, tal fato fez com que sua imagem ficasse denegrada diante do império. Na tentativa de melhorar sua aceitação popular, Teodósio se mostrou envergonhado quando questionado sobre a atrocidade pelo bispo Ambrósio. A igreja absolveu Teodósio, pela relação de amizade e troca de favores entre o bispo e o imperador.

A partir daí o cristianismo passou a crescer, sendo manipulado e manipulando, em uma disputa de poder desenfreada.

4 AS CISÕES

O cristianismo conhecido a princípio como uma seita judaica, teve seu início na primeira cisão, a qual se deu no Concílio de Jerusalém, ocorrido no ano 49 d.C. Este foi o primeiro concílio da igreja, o qual se tornou símbolo permanente da cisão com o judaísmo. A conversão de não-judeus era um fator problemático para os cristãos-judeus, uma vez que, eram frutos de um sistema sociocultural baseado nas leis mosaicas. Tal concílio se deu na igreja de Jerusalém, que era a paróquia pastoral de Pedro. As ideias de Pedro e Paulo são confrontadas, e predomina a influência de Paulo, talvez pela diferença de formação entre eles, já que, Paulo era formado em Teologia judaica na “Universidade de Jerusalém”, e Pedro, era apenas um pescador, mas, diferente de Paulo, ele caminhou com Jesus. O concílio então conclui definindo segundo as palavras de LUCAS (At: 15,7 – 11),

“A salvação é pela fé e pela graça, não pela observância da Lei”

A igreja cristã ao se unir ao estado começou a se “corromper” alterando sua filosofia e doxologia¹⁸ da salvação; passando a enfatizar a busca por riquezas, fazendo várias manipulações, e lavagens cerebrais nas pessoas alterando a interpretação bíblica em prol de seus próprios interesses: poder e riquezas.

Nesta semântica de poder, igreja e Estado sempre foram aliadas, ora o Estado impõe regras sobre ela, a exemplo do já mencionado concílio de Nicéia, que foi convocado pelo imperador Constantino; ora a igreja também dita normas ao Estado,

¹⁸ Conjunto de regras religiosas para determinados propósitos, também chamada de doutrina, as quais incluem doxa ou doutrina da trindade, batismo, eucaristia, salvação e outras.

como; durante a idade média, no feudalismo, segundo o historiador Marc Bloch (2016, p.363)

Seguindo a tradição merevícia e romana, os carolíngios sempre consideraram normal e desejável a participação do bispo na administração temporal de sua diocese. Mas ela se dava na condição de colaborador ou, por vezes, de supervisor do delegado real: isto é, do conde. As monarquias da Primeira Idade Feudal foram mais longe: chegaram a fazer do bispo, ao mesmo tempo, o conde.

Porém, essa relação entre Estado e igreja se torna tão forte ao ponto que algumas divisões passaram a emergir na igreja, como o Cisma do Oriente. Nesta semântica, o cristianismo é uma das religiões que mais se dividiu e ainda se divide.

Certamente o maior divisor de águas do cristianismo não foi o Cisma do Oriente, mas sim quando calvinistas franceses (Huguenotes) e Católicos lutaram e derramaram muito sangue sobre as calçadas de Paris, no conhecido “massacre da noite de São Bartolomeu”, o qual se deu no dia 23 e 24 de agosto de 1572. Tal evento provocou uma divisão marcante no cristianismo, seguido do evento que aconteceu em 1618 na “*Denefregação de Praga*”, quando protestantes, atiraram católicos pelas janelas do palácio real. Essa guerra cristã conhecida como “a Guerra dos 30 anos” dividiu o cristianismo em “três religiões”: católicos, ortodoxos e protestantes, semeando preconceito, estereótipos e ódio em nome de um homem que historicamente só promoveu o amor, perdão e alteridade.

Já na igreja da Idade Média, o poder tinha se centrado na igreja romana, onde se deram os eventos mais bárbaros cometidos em nome de Cristo. É provável que em uma escala avaliativa, a “santa inquisição” tenha sido o evento mais cruel promovido em busca da detenção do poder.

Além da inquisição, o feudalismo foi totalmente centrado na subordinação em detrimento à figura do clero. Assim a relação entre a igreja e os proprietários de terra, era algo fundamental para o feudalismo. Segundo Bloch (2016, p. 105)

Nessa sociedade cristã, nenhuma função de interesse coletivo, parecia mais indispensável do que a dos organismos espirituais. Não nos enganemos: capítulos catedrais e dos monastérios pode, na verdade, muito bem ter sido considerável.

A busca política pelo poder se tornou um objetivo mútuo a partir da reforma protestante, uma vez que, tanto protestantes, quanto católicos e os príncipes disputavam a mesma posição de autoridade hegemônica sobre a sociedade.

É interessante ressaltar que reformadores como Lutero estavam de fato preocupados totalmente com a causa religiosa, logicamente a reforma na língua alemã bem como a reforma no campo da educação foram consequências, as quais muitos príncipes se aproveitaram a fim de se estabelecerem no poder. Mas ao falar de Calvino, percebe-se que de fato o reformador tinha a sede pelo poder, isso não é só visto historicamente quando ele se torna prefeito de Genebra, mas é confirmado pela visão do sociólogo Max Weber, o qual menciona essa busca pelo poder em seu livro: “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de 1905.

Em 1555 Calvino enviou um grupo de pastores franceses ao Brasil sob a liderança de Nicolas Durand de Villegaignon, os quais iniciaram um trabalho de evangelização, realizando o primeiro culto em 1557. Houve discórdias internas nesse grupo, resultando na execução de três pastores. Entre os sobreviventes da disputa a qual resultou na “Confissão de fé de Guanabara”, está o pastor Jean de Léry, qual descreveu o Brasil ao olhar protestante no seu livro: “*Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil, autrement Dite Amérique*” (História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil, também Dita América) de 1611. A disputa travestida de teológica era interna, mas muito mais externa, pois tentava assim enfraquecer os Jesuítas.

A disputa pelo poder se estendeu na educação, se por um lado os Jesuítas liderados por Inácio de Loyola, fundador da Universidade Gregoriana em 1551, traziam aos índios a educação católica, os calvinistas lutavam por estabelecer a educação protestante proposta por Calvino, fundador da Universidade de Genebra em 1559. Muito pouco se tem escrito sobre a educação protestante no Brasil colônia, todavia as disputas da Europa sofreram os reflexos ainda que pequenos no Brasil.

O que se faz notável em todo esse movimento de reforma, é que, o místico deixou de existir em detrimento de uma disputa de hegemonia religiosa, ou nem sempre religiosa, já que muitas disputas se deram em outros campos. Uma prova contundente de tal afirmação é a influência que o príncipe Frederico exerceu em prol da reforma luterana, pois seus interesses políticos estavam em jogo, entre eles, a divulgação tecnológica da mídia impressa, pela impressora de Lutemberg, na qual sua primeira impressão foi a bíblia de Lutero.

O comprometimento de Lutero com o quadro socioeconômico alemão, atraindo o apoio da nobreza (príncipes), refletiu poderosamente em suas afirmações: A maior infelicidade da nação Alemã é, sem dúvida, o tráfico de dinheiro [...] O demônio o inventou, e o papa, dando-lhe sua sanção, fez ao mundo um mal incalculável. O comércio com Calcutá, da Índia e outros lugares [...] e leva o dinheiro do país, não deveria ser permitido. Teria muito a dizer acerca dos sindicatos comerciais [...] e lá só se encontram cupidez e injustiça. Roland (apud VICENTINO, 1994, p.136)

Nesta semântica é claro que a disputa entre católicos e luteranos, se deu mais no campo político e econômico do que no campo doutrinal do cristianismo, uma vez que, as duas doutrinas principais sempre permaneceram: o batismo e a eucaristia. A relação espiritual entre católicos e luteranos se dava numa aceitação recíproca, entendendo o divino da mesma maneira, ambos entendiam que existia só uma igreja, ou seja: o que os unia (Cristo) era muito maior do que aquilo que os separava (disputa de poder). Tal afirmação está presente no artigo VII das “Confissões de Augsburg” redigidos por Melanchthon, o amigo e auxiliar de Lutero.

Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho [...] para verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele[...] E para a verdadeira unidade da igreja cristã **não é necessário** que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens. LIVRO DE CONCÓRDIA (2016, 7ªed., p.31)

Tais palavras mostram uma preocupação em existir uma unidade em Cristo, mas com individualidade de interpretação. Outrossim, tais palavras revelam implicitamente que o que estava em jogo era uma reforma política, manipulada pela igreja.

Em meio a essa disputa, é no Brasil que, frente ao governo de regime militar, governo que foi inicialmente apoiado pela igreja católica, surgiu um elo entre católicos e protestantes. A morte do jornalista Vladimir Herzog atribuída aos militares, reuniu católicos e protestantes em torno de um culto ecumênico celebrado no velório do jornalista. A partir daí, igreja católica e protestantes, juntamente com sindicatos se uniram em prol do fim do regime militar. Segundo a revista Veja;

Em 31 de outubro de 1975, o arcebispo emérito de São Paulo, cardeal dom Paulo Evaristo Arns realizou um culto ecumênico em memória do jornalista Vladimir Herzog, na Praça da Sé, região central de São Paulo. O culto, que reuniu 8.000 pessoas, se transformou na maior manifestação pública de

repúdio à ditadura militar, desde 1964. Ao lado do arcebispo estavam o rabino Henry Sobel e o reverendo evangélico Jayme Wright, (Revista VEJA, 2016)

Conforme a revista, é notável que se, nenhuma igreja estava exercendo a hegemonia em detrimento ao governo autoritário, portanto era necessária uma união a fim de derrotarem esse governo. Originando assim diversos movimentos como o “movimento das diretas já”, liderado por Ulisses Guimarães, fundador do PMDB e apoiado pelas igrejas protestantes e católicas.

Em meio essa disputa pelo poder, surgem personagens importantes na teologia brasileira, a família Boff, com uma proposta teológica socialista, a chamada teologia da libertação.

A teologia da libertação, se baseou em ensinamentos de Karl Marx relacionando-os com a vida e os ensinamentos de Jesus. Leonardo e Clodovis Boff, desenvolveram essa teologia esquerdista dentro do contexto da ditadura militar brasileira. Tal teologia levou Leonardo a ser inclusive excomungado pelo papa, uma vez que, o papa entendeu como mais uma divisão dentro do catolicismo.

Teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura se situar como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos seres humanos, no amor que liberta, na construção de uma nova sociedade, justa e fraterna ao dom do Reino de Deus. BOFF, 2015, 6ªed., p.195)

Nesta semântica de Jesus visto através das lentes socialistas, a alteridade, o respeito ao diferente se tornou mais forte, sendo o Brasil palco de vários encontros ecumênicos, inclusive de propostas para diálogos inter-religiosos, com religiões que não são cristãs, exemplo do Centro Mulçumano do Rio de Janeiro que hoje faz alianças com cristãos para discutirem assuntos de caráter moral da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta semântica histórica, é possível entender que a maioria das disputas cristãs se dão em torno de uma busca pela hegemonia, e não propriamente a quem de fato interpreta as escrituras de forma correta ou não.

Conclui-se, portanto, que não existe religião católica e religião protestante, ou ortodoxa, mas existe sim um macro sistema de religião chamado cristianismo, com

diversas raízes que se unem no mesmo caule, formando uma árvore que, se bem cuidada produz os melhores frutos do místico à sociedade. Cuidar dessa árvore que já enfrentou vários vendavais, é missão do professor de história e ensino religioso, os quais numa perspectiva histórica unem os cristãos, revelando que as divisões foram apenas um jogo de interesses entre a política e a religião.

O presente trabalho obteve êxito, expondo os objetivos propostos, dando uma narrativa sequencial, na semântica histórica do cristianismo.

É notável que a história se repete de formas diferentes, dessa forma cabe entender os fenômenos anteriores a fim de dar respostas aos problemas do presente.

Alteridade é algo que está presente na *mistagogia* de toda religião, porém é algo distante da instituição política religiosa, que promove o preconceito.

REFERÊNCIAS

VEJA. **Temer faz culto ecumênico no gabinete presidencial**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/temer-faz-culto-ecumenico-no-gabinete-presidencial/>> Acesso em 8 ago. 2017.

VEJA. **Homenagem de dom Paulo a Herzog foi o maior ato contra a ditadura**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/homenagem-de-dom-paulo-a-herzog-foi-o-maior-ato-contr-a-ditadura/>> Acesso em 8 ago. 2017

VATICANO. **Documentos**. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>> Acesso em: 12 jul. 2017.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução de Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Bíblia Arqueológica. São Paulo: Vida, 2013.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2016.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CALVINO, Juan. **Intitución de la Religión Cristiana**. 7ª ed. Barcelona:FeliRe 2013.

Didaqué. Traduzido por pe. Ivo Storniolo. 16ª ed. São Paulo: Paulus, 2009

GIRALDI, Luiz Antônio. **A Bíblia no Brasil Império**: Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: SBB, 2013.

GONÇALVES, Nádya Gaiofatto. **Constituição histórica da Educação no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. Tradução de Rachel Kopit Cunha... [et al.]. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução de Paulo Menezes... [et al.]. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014.

Livro de Concórdia. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana: Traduzido por Arnaldo Shüler. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2016.

LUCAS in. **Bíblia Sagrada Ave Maria**: Atos dos Apóstolos. São Paulo: Clarentiana, 1996.

MANOEL, Ivan Aparecido; FREITAS, Nainora M. B. **História das Religiões: Desafios, Problemas e Avanços Teóricos, Metodológicos e Historiográficos**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática**. Curitiba: Ibpx, 2008.

MASKE, Wilson. **Entre a Suástica e a Cruz**: A Fé Menonita e a Tentação Totalitária no Paraguai 1933-1945. Curitiba: Máquina de Escrever, 2016.

MÈRCHER, Leonardo; FERREIRA, Ana Paula Lopes. **Relações Internacionais na Idade Moderna**: Um Panorama Histórico. Curitiba: InterSaberes, 2015.

MILLER, M. Stephen; HUBER, V. Robert. **A bíblia e sua história**: O surgimento e o Impacto da bíblia. Tradução de Magda D. Z. Huf. Barueri: SBB, 2016.

PEDRO, Antônio. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Moderna, 1985

VICENTINO, Cláudio. História Geral: **Idade Média, Moderna e Contemporânea incluindo Pré-História, Grécia e Roma**. São Paulo: Scipione, 1994.

VOVELLE, Michel. **La Révolution contre l'Église**: De la Raison à l'Être Supreme. Bruxelles: Editions Complexe, 1988.